

Cómo citar este trabajo: Costa, Patricia; Grossi, Miriam; Valcuende Del Río, José; Costa, Luísa; Oliveira, Maria. Violência contra as mulheres na pandemia da COVID-19: uma análise de notícias, memes e vídeos. *Revista del Laboratorio Iberoamericano para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades*, 5 art. 7, 143–186. <https://doi.org/10.46661/relies.5705>

Violências contra as mulheres na pandemia da Covid-19: uma análise de notícias, memes e vídeos

Violence against women in the Covid-19 pandemic: an analysis of news, memes and videos

Patricia Rosalba Salvador Moura Costa

Universidade Federal de Sergipe
patriciarosalba@gmail.com
[<http://orcid.org/0000-0001-8320-9093>]

Miriam Pillar Grossi

Universidade Federal de Santa Catarina
miriamgrossi@gmail.com
[<http://orcid.org/0000-0002-4399-6544>]

José Maria Valcuende del Río

Universidad Pablo Olavide
jmvalrio@upo.es
[<http://orcid.org/0000-0003-1161-2611>]

Luisa Maria Ramos da Costa

Universidade Estadual da Paraíba
luisamrc7@gmail.com

Maria Luiza Vasconcelos Fernandes de Oliveira

Universidade Federal de Sergipe
marialuizacg@gmail.com
[<https://orcid.org/0000-0001-6068-3198>]

Recepción: 22.02.2021

Aceptación: 06.03.2021

Publicación: 26.04.2021



Este trabajo se publica bajo una licencia de Creative Commons Reconocimiento-NoComercial 4.0 Internacional.

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar, a partir de uma perspectiva de gênero, as distintas formas de representação sobre violências que atingem mulheres durante a pandemia da COVID-19. Para tanto, averiguamos como foram veiculadas, na imprensa e nas mídias sociais, notícias, imagens e discursos que apresentam o debate sobre as violências contra as mulheres no Brasil entre março e junho de 2020. Examinamos também imagens representadas em memes e vídeos que circularam nas páginas do *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *WhatsApp*. Conluímos que as notícias publicadas na imprensa e as publicações nas redes sociais evidenciam como a COVID-19, durante os períodos de confinamento, desorganizou a sexualização dos espaços, forçando uma reconfiguração das relações de gênero e como consequência o aumento das violências contra as mulheres que estavam confinadas com seus parceiros nos espaços domésticos.

Palavras-chave: COVID-19; Gênero; Mídias; Imprensa.

Abstract

This article aims to analyze, from a gender perspective, the different ways of representing the violence that affects women during the COVID-19 pandemic. We investigated how news, images and speeches that presented the debate on violence against women in Brazil between March and June 2020, were broadcast in press and social media. We analyzed images represented in memes and videos that circulated in Facebook, Twitter, Instagram and WhatsApp pages. We conclude that news published in the press and publications on social networks show how COVID-19, during periods of confinement, disorganized the sexualization of spaces, forcing a reconfiguration of gender relations and the increase in violence against women who were confined with their partners domestic spaces.

Key words: Covid-19; Gender; Media; Press.

1 Introdução

O isolamento social, orientado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), provocou um alerta internacional sobre o aumento das violências domésticas contra mulheres. Um dos motivos da preocupação respaldou-se na constatação de que muitas dessas mulheres passariam a conviver confinadas com seus agressores em condições adversas à normalidade (Mlambo-Ngcuka, 2020b).

Embora seja verdade que a COVID-19 se expandiu independentemente de fronteiras geográficas, de gênero, de geração, étnicas e de classes sociais, os efeitos mais graves da pandemia afetam os setores mais desprotegidos da sociedade, e as mulheres estão incluídas entre os grupos mais atingidos. O caso dos asilos na Europa, por exemplo, mostrou a falta de proteção em relação às pessoas idosas, lembrando que são as mulheres as que vivem mais e, portanto, foram as que mais morreram (Coronavírus..., 2020). Da mesma forma, acontece com grupos raciais em países como o Brasil onde ser pobre e negro estão muito frequentemente relacionados (Mena, 2020). Além disso, é necessário apontar o extermínio dos povos indígenas que se encontram, nesse momento, alienados da proteção efetiva do Estado (Oliveira, J., 2020). Em relação às mulheres, constata-se que a pandemia tem afetado as trabalhadoras em setores fortemente feminizados que lidam diretamente com o cuidado (Hernandes; Vieira, 2019).

Já é consenso no debate feminista brasileiro que se referir à COVID-19 significa estar atenta/o não só às consequências diretas da pandemia, mas também aos efeitos que sua gestão tem implicado para as mulheres. Nesse ponto, constata-se o aumento da desigualdade de gênero em casais heterossexuais, acentuada por vários fatores: (a) dependência econômica; (b) precariedade do trabalho; (c) aumento de trabalho doméstico devido ao confinamento da família no espaço da casa; (d) uma reordenação das relações domésticas, em função do aumento do tempo de convivência dentro do núcleo familiar; (e) aumento de conflitos no interior das relações afetivo-conjugais.

Os casais, em particular os heterossexuais cujas desigualdades de gênero são estruturantes da própria relação conjugal, tiveram que conviver juntos de forma constante durante manhã, tarde e noite, sem interrupção do tempo geralmente demarcado por ritmos de trabalho, compras e outras atividades que, anteriormente à pandemia, era regulado por uma distribuição separada dos horários. Desta vez, a reestruturação forçada resultou em muitas vítimas de violências de gênero e filhos e filhas tiveram que conviver constantemente com seus agressores, uma vez que a literatura evidencia que a maior parte dessas violências ocorre dentro do espaço doméstico (Gregori, 1993; Grossi, 1998).

As denúncias de aumento de violências contra mulheres apareceram já em março de 2020 por meio da imprensa internacional e sua divulgação no Brasil provocou reações e expôs também o considerável aumento de violências afetivo-conjugais em muitos lares brasileiros,

O número de denúncias registradas pelo Ligue 180 em março deste ano foi 15% superior ao de março de 2019 (...) o desempenho registrado em abril surpreendeu negativamente: as denúncias de violações aos direitos e à integridade das mulheres aumentaram 36% se comparadas a abril de 2019 (Rodrigues, 2020).

Destacam-se também os casos de feminicídio, que apresentaram um crescimento de 22,2 % entre março e abril de 2020 em comparação ao mesmo período do ano anterior, como foi destacado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020).

Apesar de governos de diferentes países abrirem linhas de apoio às mulheres ou fortalecerem os mecanismos existentes, tanto em termos de informação quanto de atenção, também encontramos situações opostas, como foi o caso da Hungria. O país, governado pela de extrema direita, parou de ratificar acordos internacionais que asseguram os direitos das mulheres (Vig, 2020) e sua proteção. Em alguns países da América Latina como México, Argentina, Uruguai e Brasil as mulheres também relatam dificuldades para acessar o sistema de segurança pública. Além disso, as equipes de profissionais que atendem mulheres em situação de violências domésticas estão também cumprindo o isolamento social, o que prejudica o atendimento às chamadas urgentes e aos flagrantes delitos, quando necessário (Lima, R., 2020).

No Brasil, foram divulgadas por meio da imprensa e de sites institucionais ações de proteção às mulheres promovidas por governos, empresárias/os e instituições estatais. Além disso, posicionamentos de ativistas feministas e de intelectuais sobre o aumento das violências contra mulheres em tempos de COVID-19 (De Chiara, 2020) ganharam destaque na imprensa em geral. Também houve, nas redes sociais e nos grupos de aplicativos de mensagens instantâneas, uma difusão de memes e vídeos invocando a temática para comicidade, deixando de lado o debate problematizador que a questão reivindica.

Considerando o cenário apresentado por meio dos novos enfoques que a pandemia exige para a convivência social, o presente artigo tem como objetivo analisar, a partir de uma perspectiva de gênero, as distintas formas de representação sobre violências que atingem mulheres durante a pandemia. Para tanto, averiguamos como foram veiculadas, na imprensa e nas mídias sociais, notícias, imagens e discursos que apresentam o debate sobre as violências contra as mulheres no Brasil entre março e junho de 2020. Para a análise, construímos um banco de dados com notícias jornalísticas divulgadas na imprensa internacional e nacional sobre coronavírus. Examinamos também imagens representadas em memes e vídeos que circularam nas páginas do *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* e *WhatsApp*. As páginas e grupos estudados situam-se entre aqueles com conteúdo que expunham posicionamentos feministas e, em contraposição, outras com difusão de conteúdo criticando a liberdade das mulheres e com forte apologia às violências. Além disso, verificamos páginas de movimentos feministas e sites governamentais dos 26 estados e mais o Distrito Federal do Brasil.

Investigamos 117 reportagens jornalísticas da grande imprensa nacional e no âmbito internacional foram coletadas 33 reportagens com matérias sobre países dos continentes americano, europeu e asiático publicadas *on-line*¹. Coletamos e analisamos 42 memes, dos quais 25 foram coletados em grupos do *WhatsApp*, 11 encontrados nas páginas do *Facebook* e 5, em postagens do *Twitter*. Também foram analisados 21 vídeos, sendo que 14 deles circularam no *WhatsApp* e 7, em perfis humorísticos do *Instagram*.

Para a constituição do banco de dados, seguimos a proposta de Miriam Grossi *et al* (2010) de catalogação por tipos de violências, vítimas e agressores e localização dos casos relatados nos textos jornalísticos divulgados pela imprensa. Para a análise deste banco de dados, apoiamo-nos na proposta de Carmen Rial (2004), por meio do uso do método da antropologia da tela, assim definido: É uma metodologia que transporta para o estudo do texto da mídia procedimentos próprios da pesquisa antropológica, como a longa imersão do pesquisador no campo (no caso, em frente à televisão), a observação sistemática e o seu registro metódico em caderno de campo (Rial, 2004, p. 30).

¹ Por meio da análise das reportagens publicadas em portais internacionais buscamos contextualizar como houve a difusão de informações sobre a COVID-19 e as violências contra as mulheres em países de contextos distintos, no entanto, cabe salientar que a produção deste artigo está centrada na análise específica do Brasil.

Para o estudo dos memes, nos fundamentamos em Christian Bauckhage (2011) que os caracteriza como um fenômeno popular da internet que se espalha rapidamente graças a ação dos usuários da rede. Essa forma de linguagem apresenta-se por meio de piadas sobre determinado assunto e são difundidos de forma voluntária nas redes sociais, nas mensagens instantâneas e nos blogs. Fernando Fontanella (2009) também destaca que o uso da palavra meme no cotidiano dos usuários de internet está associado a humor, ou seja, às brincadeiras e às piadas que se espalham de forma viral.

2 Distintos/as autores/as: ações dos estados brasileiros e dos movimentos feministas contra as violências

A experiência de duas epidemias no início do século XXI, como a causada pelo vírus da Zica, cuja incidência no Brasil foi uma das maiores do mundo, e a do Ebola, que atingiu principalmente países da África, ressaltou uma visibilidade das vulnerabilidades vivenciadas pelas mulheres ao redor do mundo. De acordo com Rozeli Porto, Patricia Costa (2017) e Parry Scott *et al.* (2019), as consequências causadas pelo vírus da Zica no Nordeste do Brasil evidenciaram que a epidemia afetou substancialmente a vida das mulheres acometidas pelo vírus, potencializando a vulnerabilidade social já vivenciada em suas experiências cotidianas. Denise Pimenta (2019) aponta em sua tese de doutorado sobre o ebola, em Serra Leoa, que a maior mortandade de mulheres serra-leonenses estava diretamente relacionada ao trabalho de cuidado despendido a seus familiares e amigos (Pimenta, 2019, p. 8). Ao fazer uma correlação entre a pandemia da COVID-19 e as narrativas das mulheres serra-leonenses e suas vivências sobre a epidemia do ebola, Denise Pimenta (2020) destaca que as pandemias/endemias/epidemias são marcadas fortemente por questões de raça, gênero e classe social,

Além disso, uma pandemia tem rosto de mulher não pelo fato de serem a maioria das cuidadoras na área da saúde, são também as cuidadoras no âmbito doméstico, sendo responsáveis pela gestão da alimentação, da água e também de auxílios emergenciais do Estado e de doações de mantimentos e materiais de limpeza, além de outros. (Pimenta, 2020, p. 16).

De acordo com Phumizile Mlambo-Ngcuka (2020a), vice-secretária geral da Organização das Nações Unidas (ONU) e diretora executiva da ONU Mulheres, situações de calamidade geram impactos econômicos e um aumento da violência sexual e doméstica contra as mulheres. No Brasil, a COVID-19 mostrou seu impacto no que diz respeito à violência doméstica e ao feminicídio.

O cenário pandêmico acionou a mobilização do setor comercial, da sociedade civil e das instituições estatais para o debate de planejamentos e de execuções de campanhas/ações sobre o aumento das violências contra mulheres. Algumas dessas campanhas foram inicialmente publicadas em portais dos governos estaduais, secretarias de assistência social, secretarias de segurança pública e da polícia civil de todos os estados do Brasil mais o Distrito Federal. Percebemos que todas as 27 unidades federativas fizeram alguma ação. Todas elas tiveram cunho informativo, com indicação de números telefônicos, mensagens de apoio, além dos nomes das instituições que as mulheres, em situação de violências, deveriam procurar durante a pandemia. Destacamos aqui abaixo campanhas realizadas pelos estados do Acre, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Sergipe e Bahia.

Figura 1 – Campanha Sinal Vermelho contra Violência Doméstica é divulgada em todos o Acre



Fonte: Conselho Nacional de Justiça (2020)

Figura 2 –Mato Grosso no combate à violência contra mulher



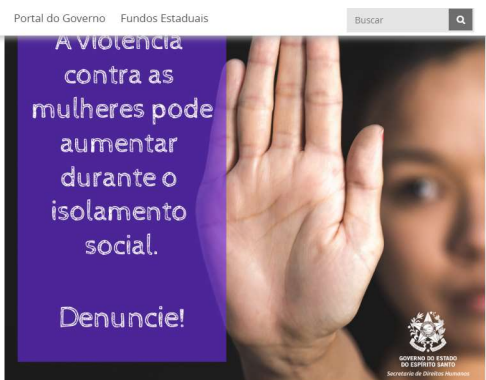
Fonte: Mato Grosso (2020)

Figura 3 – Rompa o Silêncio



Fonte: Rio Grande do Sul (2020)

Figura 4 – A violência contra as mulheres pode aumentar durante o isolamento social



Fonte: Espírito Santo (2020)

Figura 5 – Coronavírus informações importantes



Fonte Sergipe (2020)

Figura 6 – “E você que está em casa com o agressor”



Fonte: Bahia (2020)

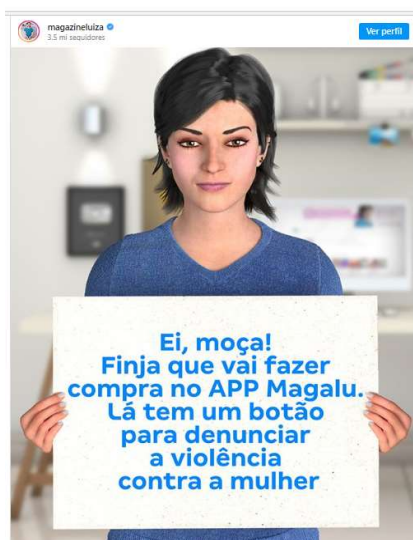
As figuras 2, 4, 5 e 6 mostram que as campanhas foram produzidas de forma a acionar frases, mensagens e imagens que remetem a percepção de emergência. Por exemplo, a campanha do estado de Sergipe alerta: “Em caso de violência doméstica, estupro ou tentativa de feminicídios, DENUNCIE”. A figura 1 apresenta a imagem de uma mulher vestida com trajes indígenas, intitulada de “Campanha sinal vermelho contra a violência doméstica”, enquanto a figura 3 traz imagens de profissionais da segurança pública com cartazes que incentivam a denúncia de casos de violências.

O governo federal também lançou no mês de maio sua campanha oficial que se caracterizou de forma generalizada, focando toda as formas de violência doméstica, excluindo o caráter generificado e estrutural que marcam as violências contra as mulheres no Brasil (Verdério, 2020).

Organizações não governamentais (ONGs), empresas, Conselho Nacional de Justiça (CNJ), Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB), Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) encamparam ações para combater as violências. Uma dessas, intitulada “Sinal vermelho para a violência contra mulher”, encabeçada pela AMB e CNJ, teve adesão das redes varejistas de farmácias. Por meio da campanha, “as vítimas poderão desenhar um X na mão e exibi-lo ao farmacêutico ou atendente de farmácia. Essa será a senha para que os profissionais acionem imediatamente as autoridades policiais e garantam o acolhimento da cliente” (Guia de Farmácia, 2020).

Também o setor empresarial se engajou nas campanhas de luta e prevenção de violências de gênero. Uma rede brasileira de lojas implantou, em março de 2019, um botão em seu aplicativo de compras para as denúncias de violência doméstica. A ideia era que as mulheres pudessem fazer denúncias silenciosamente, enquanto usavam o aplicativo. No período da pandemia, ciente do aumento de casos de violências, a empresa potencializou a divulgação da funcionalidade em redes sociais (figura 7) para difundir a informação. Da mesma forma, destacamos a campanha #cuidemosdelas (figura 8), veiculada por uma marca de cosmético que atua no Brasil. As publicações dessa marca destacam a importância de que qualquer pessoa ao presenciar um ato de violência deve oferecer ajuda. Abaixo, temos as imagens das duas campanhas:

Figura 7 – Ei, moça! Finja que vai fazer compra no APP Magalu



Fonte: Magazine Luiza (2020)

Figura 8 – Ficar em casa nem sempre é estar em segurança – imagem instagram



Fonte: Instituto Avon (2020)

Destacamos o uso da linguagem das redes sociais em torno da construção de ações para chamar atenção da gravidade que se desenhava com o confinamento das mulheres em ambientes domésticos. Pesquisas em páginas feministas presentes no *Facebook* e no *Instagram* evidenciaram que os coletivos e ONGs também criaram redes de solidariedade e de apoio com oferta de serviços psicológicos e jurídicos para atender mulheres em situação de violências. Destacamos iniciativas originadas na região Sudeste, com ampla abrangência nacional, como o Mapa do Acolhimento (2020) e o Justiceiras (Projeto Justiceiras, 2020); e na região Nordeste, o Por Todas Nós (Projeto por Todas Nós, 2020). Ambas as regiões lançaram campanhas de solidariedade feminista, por meio das quais buscaram apoio de profissionais voluntários/as, realizaram um mapeamento colaborativo de serviços, doaram alimentos e remédios às mulheres em situação de violências.

Figura 9 – #To com elas



Fonte: Mapa do Acolhimento (2020)

Figura 10 - Justiceiras



Fonte: Projeto Justiceiras (2020)

Figura 11 - #É por todas nós



Fonte: Projeto Por Todas Nós (2020)

As redes sociais foram potencializadas como espaços de indicação do aumento da violência doméstica, mas também da mobilização dos coletivos feministas em torno da problemática que o cenário da pandemia escancarou. Os movimentos apresentaram propostas, organizaram-se, apostaram em ações de conscientização, atendimento e acolhimento de mulheres em situação de violências.

Nesse sentido, Wânia Pasinato e Elisa Colares (2020) afirmam o quanto é mobilizadora a forma como a causa é difundida por meio da *internet*, seja por meio do uso de aplicativos para acionar ajuda, seja por pessoas se dispondo a apoiar e a acolher essas mulheres. Há também a criação de *hashtags* e vídeos que expõem informações sobre as diversas formas de violências, bem como ensinam a realizar denúncias e a buscar auxílio para esses casos. Beatriz Lins (2020) destaca que o acesso à rede pode auxiliar as mulheres a entrar em contato com instituições governamentais. Todavia, é preciso estender a análise para o contexto das mulheres em situação de vulnerabilidade que não possuem acesso à internet.

Diante do cenário imposto às mulheres pelo confinamento social, detectamos preocupações, mobilizações e atitudes que envolveram distintas entidades, instituições governamentais, coletivos feministas, empresas, ONGs e sociedade civil que atuaram em face da eminência e do consequente aumento dos números de violência doméstica na pandemia da COVID-19, chamando atenção para o cenário de perigo constante que vivenciam as mulheres no ambiente doméstico.

3 Violência contra as mulheres, isolamento social e pandemia: representação em memes e vídeos

Para análise dos conteúdos das imagens nos memes e nos vídeos, construímos um modelo com 5 categorias: (a) objetificação do corpo da mulher, (b) ridicularização do comportamento e da aparência física das mulheres, (c) intolerância masculina ao convívio conjugal diário no ambiente doméstico, (d) divisão do trabalho doméstico e (e) violência física.

Estudos produzidos sobre imagens e representações dos corpos das mulheres nas mídias digitais abordam a efetiva associação entre corpo e consumo, geralmente com mensagens que invocam a erotização e visibilidade, associando as mulheres à condição de objeto e, raramente, à de sujeito (Rossi, 2017). A inferiorização e assimetria entre os gêneros são ressaltadas, sobretudo, com ratificação do cuidado familiar e do espaço doméstico como sendo a condição natural e o lugar a ser ocupado pelas mulheres (Souza; Sirelli, 2018), já que o lar é o lugar do exercício do domínio, da subjugação e das ações de violências contra as mulheres, porque ele é um ambiente onde a violência pode ocorrer de forma, muitas vezes, silenciosa, e sem ser vista pela sociedade (Deeke, *et al.* 2009).

As mulheres lutam cotidianamente por mais visibilidade, ocupam posições de lideranças no mercado de trabalho, participam ativamente do sustento econômico de suas casas e efetivamente

dos cuidados com as pessoas com quem convivem no ambiente familiar, decidem por aquilo que desejam consumir e passaram a ter uma relação de mais atenção e cuidado com o corpo, no entanto, ainda persiste uma adequação “ao modelo corporal imposto pelo sistema capitalista e pela ideologia da mídia” (Boris; Cesídio, 2007, p. 2). Por certo, como aponta Le Breton (2001), o cuidado com o corpo feminino não é algo recente e faz-se necessário um olhar clínico quando esse cuidado é reivindicado por uma fetichização dos corpos.

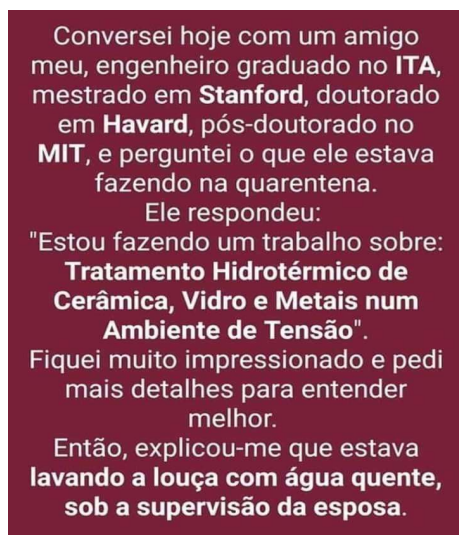
Em relação à análise dos conteúdos presentes nos 42 memes investigados, observamos que 6 deles estão relacionados à objetificação do corpo da mulher, 17 ridicularizam o comportamento e a aparência física das mulheres, 10 estão relacionados à intolerância ao convívio diário no ambiente doméstico e ao casamento, 7 destacam a problemática da divisão do trabalho doméstico, e 2 remetem à violência física.

A análise dos vídeos mostrou uma diferença significativa em relação aos números de recorrências de cada categoria, mostrando que memes e vídeos são usados diferentemente nos ataques às mulheres. Entre os 21 vídeos estudados, observamos que 1 representa a objetificação do corpo feminino, 2 ridicularizam a imagem da mulher, 9 deles tratam da intolerância conjugal no convívio doméstico, 4 retratam o tema da divisão do trabalho doméstico e 5 remetem a violência física. Destacamos também que essas violências estão interligadas e que nos vídeos há mais de uma categoria utilizada, visto que a ridicularização da imagem da mulher também é acionada como instrumento para mostrar a intolerância conjugal que se dá pela convivência diária do casal no espaço doméstico provocada pela quarentena.

Nesse sentido, constatou-se que tanto os memes quanto os vídeos inverteram os papéis de gênero que levam à violências contra as mulheres no espaço de suas casas. Apresentaram as mulheres como "ameaça à vida e a tranquilidade dos homens" que, por conta da pandemia, estão confinados 24 horas por dia em seus lares.

A imagem da mulher nos memes e vídeos é de intolerância e autoritarismo, ligada prioritariamente ao “poder” que as mulheres têm no espaço doméstico pela tradicional divisão sexual do trabalho na cultura brasileira. Nas imagens analisadas, é frequente a demanda de participação do homem na realização das tarefas domésticas, e os memes demarcam a insatisfação destes por terem que executar atividades consideradas do domínio feminino, sob “ordens” de suas mulheres. O meme da figura 22 conta a história de um engenheiro com mestrado, doutorado e pós-doutorado realizados em universidades de prestígio. Ele ao se ver obrigado a "lavar louça com água quente sob supervisão da esposa", classifica este ato como um experimento de "tratamento hidrotérmico de cerâmica, vidro e metais em um ambiente de tensão".

Figura 12 - Imagem de Grupo de WhatsApp



Fonte: Grupos do WhatsApp (2020)

Figura 11 – Imagem de Twitter

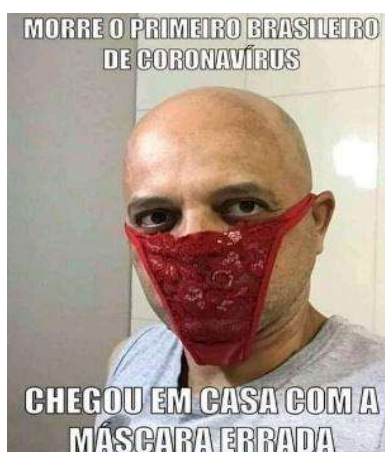


Fonte: Twitter (2020)

Os memes e vídeos evidenciam como o convívio cotidiano em casa representa um martírio para os homens que vivem em conjugalidade com suas parceiras. As mulheres tornaram-se, na pandemia, "autoritárias". O tão valorizado lugar da esposa como "rainha do lar", transformou-se em foco de ameaça, quando estas deixam de assumir integralmente as tarefas do cotidiano e passam a demandar apoio dos companheiros.

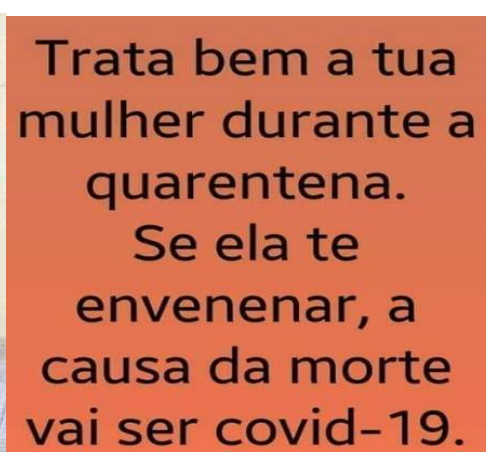
A infidelidade masculina é um dos objetos dos memes, como na (Figura 14) na qual um homem usa uma calcinha rendada vermelha no lugar de máscara de proteção à COVID-19, remetendo a um maior controle feminino das "saídas" masculinas durante a pandemia. Em outra imagem coletada do Facebook (figura 15), há o enunciado "Trata bem tua mulher durante a quarentena. Se ela te envenenar, a causa da morte vai ser COVID-19" e dele emerge outra representação tradicional da violência feminina que é o envenenamento dos maridos.

Figura 14 - Imagem de Facebook



Fonte: Facebook (2020)

Figura 15 – Imagem de WhatsApp



Fonte: Grupo do Whatapp (2020)

O tema sobre infidelidade feminina também foi retomado nesse período de isolamento por meio do uso de imagens de um conhecido casal que compõe o cenário político brasileiro. Veiculou-se na imprensa a repercussão de uma matéria publicada na Revista IstoÉ sobre rumores de flertes e

traições (Oliveira, G., 2020)². Logo, memes sobre o tema passaram a ser compartilhados nas redes sociais expondo a situação, condenando a figura feminina e marcando o lugar da sedução e da culpa pela infidelidade para a mulher. As imagens continham palavras de cunho sexual e xingamentos que são usados para culpar a imagem feminina pela suposta traição. Tais adjetivos reforçam uma cultura de violência de gênero relacionada à traição, quando supostamente efetivada pelo gênero feminino. No entanto, memes sobre o hipotético amante não foram difundidos, numa clara indução de que o “erro” e a “culpa” numa suposta traição matrimonial são sempre da mulher, pois a infidelidade masculina já é posta como natural.

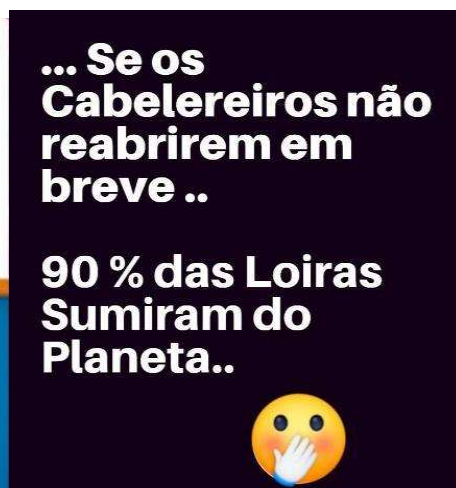
Outro ponto observado foi a apresentação da imagem feminina atada à exigência dos cuidados para a manutenção da beleza e de um corpo físico que atendam aos requisitos do mercado, logo, criaram-se memes relacionados ao fechamento dos salões de beleza e das academias de ginástica. A construção de um padrão de corpo e beleza esteve bastante presente em memes estudados. Observamos tanto a ridicularização da imagem da mulher por meio de brincadeiras em relação à quantidade de comida ingerida por ela durante o período de isolamento quanto em relação à importância dos cuidados dos cabelos para a imagem feminina. Na primeira imagem abaixo, vemos um vereador da cidade de Campo Grande, MS, defender a abertura dos salões de beleza durante o isolamento, argumentando que sem esse serviço “Não tem marido nesse mundo que vá aguentar” (Brandalise, 2020c). Já na segunda, um meme remete ao modelo predominante entre mulheres brancas de “cabelos loiros” como distintivo de branquitude e classe no Brasil. O meme “brinca” com a necessidade dos serviços profissionais dos cabeleireiros para a existência de “mulheres loiras.”

Figura 18 - Imagem de Grupo de WhatsApp



Fonte: Grupos do WhatsApp (2020)

Figura 19 – Imagem de Facebook

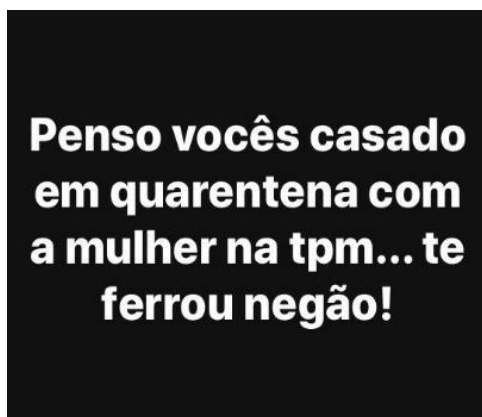


Fonte: Facebook (2020)

Verificamos também “brincadeiras” com a tensão pré-menstrual (TPM) em piadas que relacionam o comportamento das mulheres a fatores biológicos, como pode ser observado na figura 20. O meme foi confeccionado com as cores preta e branca e a expressão “negão”, invocando elementos racistas que também são constituintes das violências de gênero. Alguns vídeos foram produzidos seguindo um roteiro em que se exploram as violências contra as mulheres. Em um deles, uma mulher surge presa a uma cadeira e amordaçada em um espaço que parece ser a cozinha da casa (Figura 21).

² A matéria do jornalista Germano Oliveira da Revista Istoé, foi uma das primeiras a tratar destes rumores. Não colocamos as imagens deste meme para preservar éticamente a mulher atacada.

Figura 20 - Imagem de *Facebook*



Fonte: *Facebook* (2020)

Figura 21 – imagem de *Instagram*



Fonte: *Instagram* (2020)

Vale salientar a objetificação do corpo feminino encontrada em vários desses memes, como, por exemplo, a comparação da mulher com comida. Essas imagens são formuladas com apresentação da nudez e remetem a algo excessivamente degradante, além da utilização de termos como “comer” que associam a mulher a um alimento que deve ser apreciado para suprir as necessidades e conferir prazer aos homens (DaMata, 1986). Na figura 22, notam-se três mulheres nuas penduradas por cordas e com seus corpos expostos com a legenda “começar a guardar comida pra 40tena”. Nessa imagem, há apelo e incentivo intenso à execução de diversas formas de violências. As mulheres surgem amarradas e suspensas por cordas, fazendo alusão a uma prática de tortura, à objetificação das mulheres e a sua exploração sexual. A figura 23 explora a similaridade entre a aparência da costura de um sofá e o formato do órgão sexual feminino, associando-o, mais uma vez, ao ato de “comer”. Criou-se uma vagina no sofá para justificar a abstinência do ato sexual com mulheres, durante a quarentena.

Figura 22 - Imagem de Grupo de *WhatsApp*



Fonte: Grupos do *WhatsApp* (2020)

Figura 23 – Imagem de Grupo de *WhatsApp*



Fonte: Grupos do *WhatsApp* (2020)

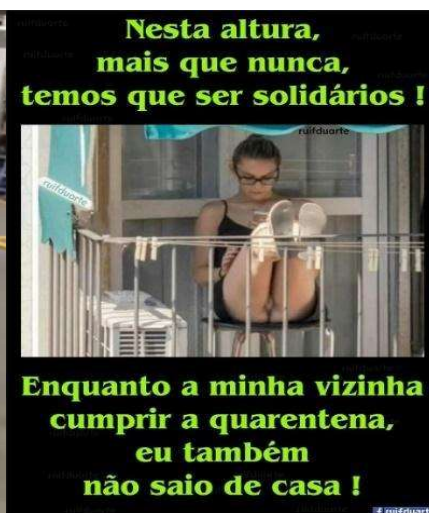
Um dos vídeos analisados é de origem italiana e divulgado também no Brasil. Nele explora-se a imagem do corpo nu de uma mulher na forma de um adesivo que foi colado em um reservatório de álcool em gel (figura 24). Houve, nesse vídeo, a associação do álcool à secreção vaginal. Piadas feitas com mulheres, representando o imaginário da vizinha “gostosa” também circularam, conforme a Figura 25 mostra.

Figura 24 - Imagem de Grupo de WhatsApp



Fonte: Grupos do WhatsApp (2020)

Figura 25 – Imagem de Grupo de WhatsApp

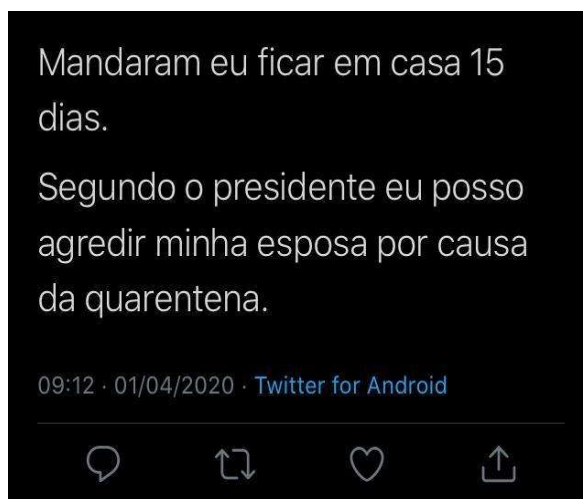


Fonte: Grupos do WhatsApp (2020)

Foram observadas, também, referências às violências físicas por meio de vários discursos ditos e que circularam nas redes durante o isolamento. Um dos discursos que expôs o assunto foi proferido pelo chefe do executivo nacional, que é conhecido por suas declarações defendendo violências contra mulheres³ que, em declaração a jornalistas dada no dia 29 de março, defendeu o fim do confinamento e a reabertura do comércio, afirmando: “Tem mulher apanhando em casa. Por que isso? Em casa que falta pão, todos brigam e ninguém tem razão. Como é que acaba com isso? Tem que trabalhar, meu Deus do céu” (Brandalise, 2020a).

Em uma postagem no *Twitter* (figura 26), um internauta fez referência ao pronunciamento do presidente sobre o confinamento, chamando atenção para o fato de que, segundo o mandatário, agressões são permitidas contra as esposas por conta da quarentena. Na figura 27, percebeu-se, novamente, a naturalização da violência contra a mulher. Na imagem, vemos uma mulher pedir o secador ao marido, mas ele lhe entrega uma arma de fogo, o que nos remete à ideia de que o estresse enfrentado pelo esposo dentro de casa é uma justificativa para a morte da mulher.

Figura 26 - Imagem de perfil do Twitter



Fonte: Twitter (2020)

Figura 27 – imagem de Grupo de WhatsApp



Fonte: Grupos do WhatsApp (2020)

³ Uma das declarações mais conhecidas foi proferida contra a deputada Maria do Rosário. Caso condenado pelo Supremo Tribunal Federal em agosto de 2017 (Carta Capital, 2017).

Portanto, a análise desses conteúdos difundidos virtualmente indicou que a violência de gênero foi explorada e incentivada das formas mais variadas, mas com apelo à comicidade. Piadas, já comumente usadas, foram remodeladas para o contexto do distanciamento, sendo compartilhadas por páginas de perfil humorístico e por grupos em aplicativos de mensagens instantâneas. Nota-se, então, uma naturalização de uma cultura de violência de gênero por meio das redes sociais que reforçam violências contra os corpos femininos.

4 Notícias: representações sobre violências contra as mulheres durante a pandemia

No marco temporal da pesquisa, coletamos um total de 117 matérias de variados portais nacionais, incluindo reportagens, boletins, notícias e artigos de opinião. Para a análise dos dados, selecionamos 65 reportagens que foram publicadas em 5 portais: UOL, com 34 matérias, sendo a maior parte delas veiculadas pela seção intitulada *Universa*; Grupo O Globo, com 25 matérias, sendo 20 específicas do portal G1 e 5 delas do jornal O Globo; portal do Jornal Estadão, com 4 notícias; e Nexo Jornal, com 2 matérias⁴. No âmbito internacional foram coletadas 33 matérias sobre países do continente americano, europeu e asiático.

Todas as matérias publicadas trazem em seu bojo a preocupação em denunciar o aumento dos casos de violências contra as mulheres em tempos de pandemia. As reportagens abordam as estatísticas dos crimes, os impactos do confinamento na vida das mulheres, o desemprego e a precarização da vida, além de divulgar canais para denunciar violência doméstica e casos de feminicídio. Em algumas, há o debate promovido a partir de entrevistas com intelectuais, profissionais do direito e da saúde e servidores/as públicos/as que lidam com casos de violências. Organizações internacionais alertaram, em suas primeiras publicações, para a necessidade urgente de promoção de ações e políticas públicas para a proteção de mulheres e crianças que passaram a viver confinadas com seus agressores.

4.1 Notícias publicadas em portais internacionais: violências, COVID-19 e ações de Estado

A China foi o primeiro país onde se produziram levantamentos de dados sobre o aumento de violência durante o *lockdown*, que foi a decisão governamental que estabeleceu que os/as moradores/as ficassem confinados/as na cidade de Wuhan (Vanderklippe, 2020). Na continuidade dessa primeira notícia, muitas outras foram publicadas, trazendo dados de violências alarmantes que, como aponta o relator da Organização das Nações Unidas (ONU), afetam todos os países que atenderam às determinações de isolamento propostas pela OMS (Covid-19... 2020). Além da China, França, Bélgica, Espanha Portugal, Inglaterra, Rússia, Bolívia, Chile, Colômbia, México, Argentina e Peru também tiveram o mesmo problema divulgado na imprensa internacional e brasileira (Wieb, 2020; Coronavírus,... 2020; Branco; Gomes, 2020; Torres, 2020; OMS..., 2020).

Algumas matérias publicadas apontaram medidas tomadas pelos estados nacionais com objetivo de alertar sobre o aumento das violências. O Governo da Espanha, por exemplo, lançou um guia de ação para mulheres que sofrem violências de gênero em situação de permanência em casa (Espanha, 2020). Segundo informações da Espanha, em abril, quando o confinamento foi praticamente total no país, assistiu-se a um aumento de cerca de 60 % das consultas telefônicas de

⁴Os portais pesquisados UOL, Globo e Estadão pertencem a grupos empresariais brasileiros que detêm ampla inserção no mercado das comunicações e bastante influência na opinião pública. O Nexo Jornal mantém uma linha editorial que contempla a pluralidade de ideias, com conteúdo que aborda as diferenças regionais e posicionamentos acadêmicos distintos.

mulheres sobre violência em relação ao ano anterior e mais de 500 % para consultas online (Kohan, 2020).

O portal *United Nations Human Rights*, em 27 de março de 2020, publicou uma matéria chamando atenção para o agravamento da situação das violências contra mulheres no mundo. A notícia assinada pela Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas destacou o alerta da relatora especial da ONU, Dubravka Siminović (States Must, 2020). A matéria alertou que as limitações de movimentação, as restrições financeiras e as incertezas quanto ao presente e futuro fornecem aos autores de violência um maior poder e controle. Além disso, o texto apresentou preocupação com a situação de mulheres com deficiência, mulheres migrantes que estão sem documentos e com as vítimas do tráfico internacional.

O *The New York Times* publicou um artigo de opinião assinado por Tanya Selvaratnam (2020) em que argumenta que o lugar mais perigoso do mundo para uma mulher é sua própria casa. O texto recorre aos dados de violência registrados na China, com a informação de que, desde o início da pandemia, a hashtag *#AntiDomesticViolenceDuringEpidemic* esteve em alta na plataforma de mídia social chinesa Sina Weibo. Além disso, a autora destacou que os relatos de violência doméstica quase dobraram desde que as cidades chinesas foram fechadas. A matéria finaliza chamando a atenção para a responsabilidade social e invocando as pessoas a ficarem alerta aos amigos e entes queridos que estão em relacionamentos abusivos.

Alguns artigos foram publicados dando conta da situação no continente Latino-americano. Todos apresentaram dados sobre o aumento expressivo das violências nesses locais. Destacamos a reportagem publicada pelo portal *Dw made for minds* (Lima, R. 2020), que trouxe uma linguagem informativa e argumentativa com dados sobre países da região, entrevistas com acadêmicas e ativistas envolvidas com a causa. O artigo abordou a desigualdade econômica que afeta as mulheres latino-americanas, dialogou com documentos e informações produzidas pela diretoria regional da ONU Mulheres e apresentou termos caros ao debate feminista, como, por exemplo, sororidade, solidariedade, além de destacar vários serviços oferecidos por ONGs e governos para o atendimento às vítimas.

O site *middle east eye* apresentou dados sobre a Turquia, especialmente, as demandas de grupos feministas em prol dos direitos das mulheres (Soylu, 2020). A matéria destacou que na Turquia mais de vinte mulheres foram assassinadas durante a terceira semana da quarentena, quatorze delas foram mortas dentro de casa. As ativistas entrevistadas para a reportagem destacaram o aumento da violência doméstica durante a quarentena e também o fato de que algumas mulheres tiveram dificuldades em pedir medidas judiciais contra seus agressores.

Matéria publicada por Michael Sullivan (2020) no portal NPR expôs a experiência da Malásia, país situado no sudoeste da Ásia. A notícia destaca as publicações do governo da Malásia, que por meio da campanha *#WomenPreventCovid19*, veiculada no *Instagram* e *Facebook* do Ministério da Mulher, Família e Desenvolvimento Comunitário, compartilhou pôsteres com conselhos para as mulheres enfrentarem a pandemia. As postagens informavam que as mulheres não deveriam incomodar seus maridos, não poderiam ser sarcásticas com os homens ao pedirem ajuda no trabalho doméstico e deveriam usar maquiagem em casa para ficarem belas e agradar seus companheiros.

Países do continente europeu se mobilizaram com iniciativas governamentais para o atendimento às mulheres que estão passando por alguma situação de violência durante a pandemia. Espanha e França são dois países que anunciaram medidas urgentes e enérgicas (Rocha, 2020; Coronavirus...2020). Na Espanha foi lançado um guia-modelo com informações sobre enfrentamento dos casos de violência machista, publicado pelo Ministério da Igualdade. Na França, o portal *Ladepeche* escreveu sobre o aumento de 30 % dos casos de violência doméstica no país.

Diante disso, o governo francês estabeleceu dispositivos de apoio às vítimas para denúncias, anunciou os estabelecimentos farmacêuticos e criou pontos de apoio em frente a supermercados como lugares específicos para receber denúncias.

As matérias publicadas em âmbito internacional trazem informações sobre o problema das violências contra as mulheres, evidenciando, em boa parte, os números de vítimas, as diversas formas de violências, as dificuldades encontradas para denunciar aos órgãos estatais, a quantidade de feminicídio, além de expor as ações ou ausência de ações dos estados nacionais no enfrentamento às violências. As reportagens abordam, sobretudo, a mobilização das organizações e das lideranças locais denunciando e exigindo atitudes para barrar a situação. Alguns países se anteciparam ao problema, outros banalizaram-no. O maior ou menor grau de preocupação das nações parece variar de acordo com a concepção ideológica das lideranças nacionais e do tratamento que os países conferem à temática das violências de gênero.

A divulgação de matérias em distintos periódicos de vários países e a circulação delas parece ter possibilitado a troca de experiências e a readequação aos contextos locais, com indicações de quais caminhos seguir para aqueles que trataram a questão com seriedade e urgência que merece.

4.2 Nexo Jornal: as contribuições do portal para o debate sobre mulheres, violências e pandemia.

As duas matérias analisadas do portal Nexo foram assinadas por Juliana Lima. A primeira traz uma abordagem sobre os impactos da pandemia na vida das mulheres (Lima, 2020b), e a segunda expõe o conteúdo da campanha do governo federal instituída no mês de maio sobre o enfrentamento à violência doméstica na pandemia (Lima, 2020a). Nas duas reportagens, observamos a preocupação da jornalista em expor os fatos de forma objetiva, analisando dados apresentados e discursos proferidos, sempre com a participação de algum/a intelectual que se manifesta sobre a questão, no caso específico, duas antropólogas expuseram suas constatações.

Os textos escritos por Lima (2020) demonstram o cuidado com a pesquisa e os argumentos apresentados evidenciam certa familiaridade com o tema, além de exporem um debate maduro, analítico e informativo, por meio dos quais são acionadas categorias como gênero, desigualdade e trabalho: “Sobrecarga de trabalho doméstico, exposição à violência e vulnerabilidade econômica são aspectos exacerbados por isolamento social que indicam a desigualdade de gênero” (Lima, 2020b).

A exposição da temática, publicada logo na segunda semana de confinamento no Brasil, aciona a questão de confinamento com a ausência de escolas abertas, jornada dupla enfrentada pelas mulheres, além das questões emocionais que se afloraram com a pandemia.

Dados sobre violências foram apresentados nos dois artigos. No entanto, o segundo, publicado em 19 de maio de 2020, intitulado “A campanha oficial contra a violência doméstica e as críticas a ela”, apresentou uma maior exposição do tema violência, isso porque o foco da escrita foi a análise da campanha designada “De conscientização e enfrentamento à violência doméstica”, lançada pelo Governo Federal. Lima, logo no início do texto, esclarece que “A propaganda foca na promoção dos canais de denúncia. Apesar de mulheres serem as principais vítimas, ministra Damare Alves diz que ‘violência doméstica não tem gênero’” (Lima, 2020a).

A autora faz uma análise minuciosa do discurso da Ministra, evidenciando a negação das questões de gênero que envolvem a violência doméstica, com a produção de uma campanha generalizada e com a exibição de peças “em que as vítimas são representadas por um adolescente, uma menina com síndrome de Down, um idoso e uma mulher, além de um vídeo protagonizado por um garoto que transmite mensagens de socorro por escrito enquanto fala” (Lima, 2020a).

O texto argumentativo invoca a análise da antropóloga Beatriz Accioly Lins, que argumenta que a campanha do governo federal é genérica porque foca nos canais de denúncias, a qualifica de “excludente”, especialmente, por considerar apenas um modelo de família, nuclear e heterossexual. Além disso, a antropóloga considera a senhora Damares Alves “negacionista” porque a dirigente do Ministério desconsidera o viés de gênero nos casos de violências domésticas. Com dados científicos, Lins aponta que a violência baseada em gênero contra as mulheres é estrutural, histórica e massiva no Brasil (Lima, 2020a).

Percebemos que o Nexso apresentou, por meio de seus textos, argumentos analíticos e contundentes sobre a complexidade que envolve o tratamento das questões de violência de gênero.

4.3 Grupo Globo e Portal G1: as contribuições do portal para o debate sobre mulheres, violências e pandemia

A maior parte das matérias publicadas sobre violências contra mulheres na pandemia ocorreu por meio do Portal G1 (20) e do jornal O Globo (5). A análise das matérias evidenciou que os portais publicaram o assunto de maneira mais ampla e informativa, com a cobertura de ações de distintos estados federativos. Foram apresentados dados de violências contra as mulheres durante a pandemia e ações preventivas de estados como São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais, Acre, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Paraná, Mato Grosso do Sul e mais algumas matérias que abarcaram a opinião de especialistas e experiências em outros países.

O portal G1 publicou algumas notícias de denúncias de feminicídios ocorridos durante a pandemia. Tais notícias tinham como objetivo a divulgação de crimes ocorridos no período, mas não associavam, necessariamente, ao momento do isolamento social. O portal libera suas publicações de forma livre para acesso e leitura geral.

Com exceção das matérias que denunciam os feminicídios, as demais apresentaram uma discussão sobre as consequências do isolamento e o aumento das violências contra as mulheres. As matérias publicadas pelo G1 que se referiam exclusivamente ao aumento das violências abordaram temas como a alta de homicídio de mulheres no Brasil, os impactos da pandemia na vida de mulheres e ações de prevenção e atendimento efetivadas por diferentes governos estaduais.

O jornal O Globo publicou matérias com conteúdo mais apurado, analítico e com informações internacionais. Trouxe à pauta o posicionamento da ONU que o fez por meio do pedido de proteção às mulheres durante o confinamento, citando o secretário-geral da organização (ONU..., 2020). Também produziu uma matéria que abordou a importância de iniciativas para oferta de atendimento às vítimas de violência doméstica durante o período de isolamento domiciliar (Ramos, 2020).

Por meio da análise das matérias publicadas pelo grupo Globo, notamos que a linha de produção se concentrou em textos mais informativos, sem uma análise específica do problema. É preciso pontuar também que o acesso a maior parte das matérias publicadas pelo jornal O Globo é liberado exclusivamente para assinantes e isso acaba restringindo o acesso à informação a um público com poder aquisitivo para pagar por uma assinatura exclusiva.

4.4 Uol: as contribuições do portal para o debate sobre mulheres, violências e pandemia

No site de notícias Uol, foram encontradas 34 matérias que abordam o tema da violência contra mulheres em época de pandemia. A maior parte das publicações está inserida na plataforma Universa, totalizando 21 matérias que tratam tradicionalmente de temas como direitos, autoestima e violências contra as mulheres. As outras 13 publicações analisadas trazem informações sobre campanhas e números de atendimento às vítimas.

Analisamos com profundidade as reportagens publicadas na seção *Universa*, a partir do início da quarentena no Brasil, pois elas apresentaram um caráter problematizador maior em relação ao tema das violências. Através das análises, percebemos que as matérias evidenciaram notícias internacionais, com dados sobre o aumento da violência doméstica ao redor do mundo, exploraram as medidas políticas tomadas pelos países e expuseram algumas campanhas realizadas para atender às mulheres. Dados sobre feminicídio e elaboração de projetos de lei para a proteção dos direitos das mulheres também foram abordados.

Destacamos a reportagem realizada pela jornalista Mariana Kotscho [2020], que num texto argumentativo, conciso e com evidências científicas explorou a temática com a exposição de dados sobre as estatísticas de violências. Além disso, trouxe à pauta vários depoimentos de mulheres em situação de violência doméstica. Elas abordaram os sofrimentos físicos e psicológicos por que passaram. A matéria também deu espaço a nomes de referência em direitos das mulheres e a ONGs conhecidas pela vivência e combate à violência de gênero no país.

Os textos do *Universa* problematizam vários aspectos das violências. Um que mais nos chamou atenção foi sobre a violência psicológica. Muitas vezes negligenciada, a violência psicológica suscita uma dificuldade da própria vítima para reconhecê-la como violência, mesmo diante de um cenário de chantagem e humilhação, conforme destaca Isadora Vier Machado (2013).

Camila Brandalise (2020b) explora a violência psicológica em notícias, mostrando os relatos das humilhações de maridos contra a esposas durante a quarentena. Traz algumas entrevistas e, em uma delas, a entrevistada afirma que o marido “não a ajuda em casa e a trata como uma empregada” e quando ela reclama da sobrecarga de tarefas o marido se descontrola e faz ameaças. O trecho da entrevista é muito significativo, pois evidencia que o trabalho doméstico foi um dos assuntos com muitas abordagens na pandemia, seja por meio de piadas na forma de memes ou de vídeos violentos, seja pela constante necessidade de ressignificar o espaço do privado e tudo o que ele representa na vida cotidiana das famílias.

A notícia também traz comentários de especialistas da área, como a da assistente social Lucy Lima, coordenadora da ONG Cordel Social, que relata: “Uma vítima contou que está tomando remédio controlado para dormir mais porque não aguenta o marido reclamando de tudo que ela faz: do almoço, do jantar e até da roupa, que diz estar mal lavada” (Brandalise, 2020b).

Para além das violências enfrentadas dentro dos próprios lares, Luiza Souto (2020) mostra na matéria o caso de trabalhadoras domésticas que sofreram crime sexual em meio à pandemia. A reportagem relata a situação de mulheres que estão enfrentando dificuldades financeiras durante a quarentena e, por isso, em busca de uma renda, anunciaram seus telefones com oferta de trabalho doméstico, em páginas de mídias sociais. A partir de então, passaram a receber mensagens de homens pedindo fotos íntimas e ofertando uma quantia maior de dinheiro para a realização do ato sexual. Uma das mulheres releva: “Ele apenas me ofereceu um maior valor do que peço pelo meu trabalho e disse que eu precisava ir ao apartamento à noite. Achei estranho. Falei que precisava de serviço, não de sexo” (Souto, 2020). A reportagem abordou temas como desigualdade econômica e exploração do corpo feminino, por meio do trabalho doméstico, com entrevistas de mulheres que denunciaram os assédios vividos quando da procura por trabalho.

Percebemos que o Uol, por meio da plataforma *Universa*, explorou com bastante propriedade assuntos importantes sobre as diversas formas de violências que atingem mulheres na pandemia. Além disso, conferiu espaço, em várias matérias, para que as vítimas expressassem suas opiniões e dores vividas. A produção das reportagens foi realizada com o emprego de argumentos que tiveram como base a apresentação de dados quantitativos e qualitativos, que expuseram exemplos de situações de violência vivenciados por mulheres, além dos comentários de profissionais que lidam

com esses casos. A forma da exposição do problema conferiu uma abordagem diferenciada positivamente em relação aos demais portais.

5 Conclusões

O uso de redes sociais evidencia como a COVID-19, durante os períodos de confinamento, desorganizou a tradicional divisão social do trabalho, forçando uma reconfiguração das relações de gênero no espaço do lar. A análise de vários memes e vídeos nos mostra homens e mulheres forçados a conviver em um espaço "privado" associado, por vezes, ao mundo das mulheres. Aponta também que os homens sentem não ter lugar no espaço doméstico e que perdem também a possibilidade de acessar lugares tradicionalmente masculinos. Os memes revelam homens inseguros e com medo de perderem sua capacidade de exercerem poder sobre as mulheres, em particular suas parceiras. Se para as mulheres o espaço doméstico é o local "natural" da vivência e do cuidado com os familiares, para os homens, que durante um tempo se viram obrigados a conviver com suas parceiras no espaço doméstico trata-se de uma situação anômala e desconfortável que é subvertida por meio de imagens que tendem a ridicularizar as mulheres.

As representações em memes e vídeos, muitas vezes em tom humorístico, legitimam as violências físicas e simbólicas que, como o noticiário analisado e os dados sobre o aumento das violências mostram, têm feito parte constante do cotidiano vivido por muitas mulheres no Brasil e no mundo. A produção e a circulação de materiais invocando as violências contra mulheres nas redes sociais mostram-nos homens que se sentem humilhados por serem "obrigados" a cumprir funções que não correspondem aos seus papéis tradicionais de gênero. Ao mesmo tempo, os memes mostram que os homens estão desempenhando papéis que não correspondem ao trabalho socialmente valorizado a que estão habituados e que se realiza no espaço público, fora do grupo doméstico. Da mesma forma, mostram-nos homens que, ao precisarem ficar em confinamento no espaço do lar, passam a não ter acesso aos corpos de outras mulheres e se sentem "obrigados" a conviver com suas parceiras em tempo integral. Os memes expõem sentimentos ambíguos e contraditórios em relação às parceiras, que são ridicularizadas e vistas como "perigosas".

Não deixa de ser significativo esse processo de reversão de papéis de gênero que transforma aquelas que sempre estiveram na posição de submissão em possíveis situações de poder, de controle da situação de convivência no espaço doméstico. É preciso entender como o novo modelo de convivência, dado pelo isolamento social, rompeu as bases sobre as quais se sustentava a masculinidade hegemônica, fato que gerou representações sociais violentas, por meio de apologia a agressões físicas e violências psicológicas, processo que vem sendo evidenciado no Brasil e em outras partes do mundo.

No caso brasileiro, há um fator agravante, pois, as desigualdades de gênero são minimizadas pelo atual poder federal. Fato que se traduz na ausência de políticas públicas para o enfrentamento do aumento das violências de gênero durante a pandemia e que, em grande medida, legitima e reforça o discurso misógino e violento de uma parte da população brasileira, que é reproduzido nas redes sociais.

Apesar da mídia e das redes sociais reproduzirem, muitas vezes, uma visão nitidamente machista da problemática, também se observa como uma parte da sociedade civil assumiu a violência de gênero como um problema estrutural, criando novas estratégias de comunicação para defender as mulheres da violência doméstica. Isso fica evidente nos exemplos que demos ao longo do texto da colaboração de empresas e marcas comerciais no combate às violências, bem como a participação de entidades civis e movimentos feministas produzindo ações de atendimento a mulheres vítimas de violências. A ampla divulgação destas ações evidencia o potencial da internet na construção também de redes de apoio.

A internet propõe novas estratégias de comunicação, embora sua eficácia dependa em grande parte da grande mídia e da vontade das instituições em apresentar meios eficazes e políticas públicas de combate à violência. Ações questionáveis no caso brasileiro, já que aqui se mostra uma clara fragmentação social, que também tem sido destacada na mídia analisada e corroborada também pelo poder político institucional. A presidência do país negou tanto o combate à COVID-19, assim como minimizou o debate urgente sobre as estruturas que mantêm os altos índices de violências contra as mulheres no país.

Referências

- Bahia. Secretaria de Políticas para as Mulheres do Estado da Bahia. (2020). *E você que está em casa com o agressor*. 1 Ilustração. Salvador, 25 março 2020. @spmbahia. Em <https://www.instagram.com/spmbahia/?hl=pt-br>. Acessado em 2 de julho de 2020.
- Bauckhage, Christian. (2011). *Insights Into Internet Memes*. Proceedings Fifth International Association for the Advancement of Artificial Intelligence: Conference on Weblogs and Social Media. Bonn. Em <https://www.aaai.org/ocs/index.php/ICWSM/ICWSM11/paper/view/2757/3304>. Acessado em 10 de maio de 2020.
- Boris, Georges Daniel Janja Bloc; Cesídio, Mirella de Holanda. (2007). Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, Fortaleza, 7(2):451-478.
- Branco, Carolina; Gomes, João Francisco. (2020). *Afinal, violência doméstica não aumentou 50 % devido ao coronavírus*: desceu 26%. Crimes de burla é que aumentaram. Em <https://observador.pt/2020/04/08/covid-19-devido-a-quarentena-violencia-domestica-aumentou-50-no-mes-de-marco/>. Acessado em: 21 de junho de 2020.
- Brandalise, Camila. (2020a). *Apresenta com mais detalhes a forma como Jair Bolsonaro usou a violência doméstica para criticar o isolamento social*. Em <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/03/30/por-que-bolsonaro-erra-ao-usar-violencia-domestica-para-criticar-isolamento.htm>. Acessado em 30 de março de 2020.
- Brandalise, Camila. (2020b). *Mulheres Relatam Abusos de Maridos na Quarentena: 'Me Trata como Empregada'*. Em https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/04/30/mulheres-relatam-abusos-de-maridos-na-quarentena-me-trata-como-empregada.htm?fbclid=IwAR34r0Y4vsUg81ieFjMEq4KAEinrbeV58m_l2Jomz84q9MRI3EFFoLK6p-o. Acessado em 20 de maio de 2020.
- Brandalise, Camila. (2020c). *Vereador do MS pede salões de beleza abertos: 'Não tem marido que aguente'*. Em <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/04/08/vereador-defende-saloes-de-beleza-abertos-nao-tem-marido-que-va-aguentar.htm>. Acessado em 8 de abril de 2020.
- Carta Capital. (2017). Pela terceira vez, Bolsonaro é condenado a indenizar Maria do Rosário. Em <https://www.cartacapital.com.br/Politica/pela-terceira-vez-bolsonaro-e-condenado-a-indenizar-maria-do-rosario/>. Acessado em 22 de fevereiro de 2021.
- Conselho Nacional de Justiça. (2020). *Campanha Sinal Vermelho Contra Violência Doméstica é divulgada em todo o acri*. 2020. 1 Ilustração. Em <https://www.cnj.jus.br/campanha-sinal-vermelho-contra-violencia-domestica-e-divulgada-em-todo-o-acre/>. Acessado em 2 de julho de 2020.
- Coronavirus devasta asilos de idosos na Europa*. (2020). Em <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,coronavirus-devasta-asilos-de-idosos-na-europa,70003245767>. Acessado em 05 de julho de 2020.
- Coronavirus: les violences conjugales en hausse de 30 % pendant le confinement*. (2020). Em <https://www.ladepeche.fr/2020/04/12/coronavirus-les-violences-conjugales-en-hausse-de-30-pendant-le-confinement,8843584.php>. Acessado em 21 de junho de 2020.
- Covid-19: l'Onu alarmée par la flambée des violences domestiques*. (2020). Em <https://www.un.org/fr/covid-19-riposte-globale/covid-19-lonu-alarm%C3%A9e-par-la-%C2%AB-flamb%C3%A9e-%C2%BB-des-violences-domestiques>. Acessado em 21 de junho de 2020.
- DaMata, Roberto. (1986). *O que faz o Brasil, Brasil?* Rocco. Rio de Janeiro.
- Revista del Laboratorio Iberoamericano para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades*
<https://doi.org/10.46661/relies.5705>

De Chiara, Marcia. (2020). Violência contra a mulher aumenta em meio à pandemia; denúncias ao 180 sobem 40 %. *O Estadão de São Paulo*, 01 de junho de 2020. Em <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,violencia-contra-a-mulher-aumenta-em-meio-a-pandemia-denuncias-ao-180-sobem-40,70003320872>. Acessado em 01 de julho de 2020.

Deeke, Leila Platt. (2009). A Dinâmica da Violência Doméstica: uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e de seu parceiro. *Saúde Soc.* 18(2):248-258.

Espanha. Ministério da Igualdade. (2020). *Guia de atuação para mulheres que sofrem de violência de gênero em situação de permanência domiciliar decorrente do estado de alarme pelo COVID-19*. Em <http://www.violenciagenero.igualdad.gob.es/informacionUtil/covid19/home.htm>. Acessado em 10 de maio de 2020. Acessado em 21 de junho de 2020.

Espírito Santo. (Estado). Secretaria de Direitos Humanos. (2020). *Disponibiliza Material com Orientações para Denunciar Violência Doméstica*. 1 Ilustração. Em <https://www.es.gov.br/Noticia/sedh-disponibiliza-material-com-orientacoes-para-denunciar-violencia-domestica>. Acessado em 2 de julho de 2020.

Fontanella, Fernando. (2009). *O que é um meme na Internet?* Proposta para uma problemática da memesfera. Trabalho apresentado no III Simpósio Nacional da ABCiber, São Paulo.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2020). *Violência Doméstica Durante Pandemia de COVID-19*. Em <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-COVID-19-ed02-v5.pdf>. Acessado em 10 de junho de 2020.

Gregori, Maria Filomena. (1993). *Cenas e Queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: ANPOCS.

Grossi, Miriam *et al.* (2010). Banco de dados para estudar a violência na imprensa brasileira. *Cadernos NIGS: metodologias*, 1(1): 51-80. Em http://www.nigs.ufsc.br/pdf/cadernos_nigs_metodologias.pdf. Acessado em 5 de julho de 2020.

Grossi, Miriam. P. (1998). Gênero, Violência e Sofrimento. *Antropologia em primeira mão*, PPGAS UFSC, p. 1-22.

Guia de Farmácia. (2020). *Mais de 6 mil farmácias aderem à campanha contra violência doméstica*. 2020. Em <https://guiadafarmacia.com.br/mais-de-6-mil-farmacias-de-grandes-redes-aderem-a-campanha-contra-violencia-domestica/>. Acessado em 02 de julho de 2020.

Hernandes, Elizabeth Sousa Cagliari; Vieira, Luciana (2020). *A guerra tem rosto de mulher: trabalhadoras da saúde no enfrentamento à Covid-19*. Em <http://anesp.org.br/todas-as-noticias/2020/4/16/a-guerra-tem-rosto-de-mulher-trabalhadoras-da-sade-no-enfrentamento-covid-19>. Acessado em 05 de julho de 2020.

Instituto Avon. (2020). *Ficar em casa nem sempre é estar em segurança*. 1 Ilustração. [s. l.], 25 março 2020. @Institutoavon. Em <https://www.instagram.com/p/B-LVvhEHwTH/?igshid=1pmg69ezwli8g>. Acessado em 10 de abril de 2020.

Kohan, Marisa. (2020). *Las llamadas al 016 contra la violencia machista se incrementan en abril un 60 % con respecto al año anterior*. Em <https://www.publico.es/sociedad/llamadas-016-violencias-machistas-incrementan-abril-60-respecto-ano-anterior.html>. Acessado em 21 de junho de 2020.

Kotsho, Mariana. [2020]. *Denúncia Sem Sair de Casa*. *Universa UOL*. Em <https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/violencia-contra-a-mulher-na-pandemia/index.htm#denuncia-sem-sair-de-casa>. Acessado em 22 de maio de 2020.

Le Breton, David. (1999). *L'adieu au corps*. Paris: Éditions Métailié.

Lima, Juliana D. (2020a). *A campanha oficial contra a violência doméstica E as críticas a ela*. Em <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/05/19/A-campanha-oficial-contra-a-violencia-domestica.-E-as-criticas-a-ela>. Acessado em 4 de julho de 2020.

Lima, Juliana D. (2020b). *Quais os impactos da pandemia sobre as mulheres?* Em <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/03/24/Quais-os-impactos-da-pandemia-sobre-as-mulheres>. Acessado em 03 de abril de 2020.

Lima, Rosa Muñoz. (2020). *América Latina lucha contra la violencia de género en tiempos del coronavirus*. Em <https://www.dw.com/es/américa-latina-lucha-contra-la-violencia-de-género-en-tiempos-del-coronavirus/a-52971832>. Acessado em 01 de julho de 2020.

Lins, Beatriz. (2020). *Mulheres, violência doméstica e a COVID-19: o que a tecnologia tem a ver com isso?* Em <https://www.antropologiasepidemicas.com.br/post/mulheres-viol%C3%Aancia-dom%C3%A9stica-e-a-COVID-19-o-que-a-tecnologia-tem-a-ver-com-isso>. Acessado em 14 de abril de 2020.

Magazine Luiza. (2020). *Ei, moca! Finja que vai fazer compra no APP Magalu*. 1 Ilustração. [S. l.], 26 maio de 2020. @magazineluiza. Em https://www.instagram.com/p/CAqhH_Gg327/?igshid=1cw0mn1s0i2. Acessado em 27 de maio de 2020.

Mapa do Acolhimento. (2020). *#To com elas*. 1 Ilustração. [S. l.], 2 junho de 2020. @mapadoacolhimento. Em <https://www.instagram.com/mapadoacolhimento/>. Acessado em 03 de julho de 2020.

Mato Grosso. (Estado). Secretaria de Segurança Pública do Mato Grosso. (2020). *Mato Grosso no combate à violência contra mulher*. 1 Ilustração. Cuiabá, 27 de maio de 2020. @sespmt. Em <https://www.instagram.com/sespmt/?hl=pt-br>. Acessado em 2 de julho de 2020.

Mena, Fernanda. (2020). *Entre casos identificados, covid-19 se mostra mais mortífera entre negros no Brasil, apontam dados*: Pretos e pardos são 1 em cada 4 hospitalizados por Covid-19, mas 1 em cada 3 mortos. Em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/coronavirus-e-mais-letal-entre-negros-no-brasil-apontam-dados-da-saude.shtml>. Acessado em 05 de julho de 2020.

Mlambo-Ngcuka, Phumzile. (2020a). *Covid-19: Mulheres à frente e no centro*. Em <http://www.onumulheres.org.br/noticias/covid-19-mulheres-a-frente-e-no-centro/>. Acessado em 03 de abril de 2020.

Mlambo-Ngcuka, Phumzile. (2020b). *Violência contra mulheres e meninas: a pandemia sombria*. Em <https://www.unwomen.org/en/news/stories/2020/4/statement-ed-phumzile-violence-against-women-during-pandemic>. Acessado em 23 de junho de 2020.

Oliveira, Germano. (2020). *O esforço de Bolsonaro para vigiar a mulher de perto*. Em <https://istoe.com.br/o-esforco-de-bolsonaro-para-vigiar-a-mulher-de-perto/>. Acessado em 9 de junho de 2020.

Oliveira, Joana. (2020). *Covid-19 se espalha entre indígenas brasileiros e já ameaça povos isolados..* Em <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-17/covid-19-se-espalha-entre-indigenas-brasileiros-e-ja-ameaca-povos-isolados.html>. Acessado em 05 de julho de 2020.

OMS *Europa, preocupada por reportes de violencia doméstica*. (2020). Em <https://www.20minutos.com/noticia/274007/0/oms-europa-preocupada-por-reportes-de-violencia-domestica/>. Acessado em 21 de junho de 2020.

ONU *pede proteção para as mulheres durante confinamento por coronavírus*. (2020). Estado de Mina Internacional, 06 abr. 2020. Em

https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/04/06/interna_internacional,1135970/onu-pede-protecao-para-as-mulheres-durante-confinamento-por-coronavirus.shtml. Acessado em 01 de julho de 2020.

Pasinato, Wania; Colares, Elisa Sardão. (2020). *Pandemia, Violência Contra as Mulheres e a Ameaça que Vem dos Números*. Em https://boletim.luanova.org/2020/04/20/pandemia-violencia-contra-as-mulheres-e-a-ameaca-que-vem-dos-numeros/?fbclid=IwAR3Cn1ycJcyugihcy_fSOwQySnzgG1zUXe0cFNT6yrcCHQveviNxYkFYxU. Acessado em 20 de abril de 2020.

Pimenta, Denise. (2019). *O cuidado perigoso: tramas de afeto e risco na Serra Leoa (a epidemia de Ebola contada pelas mulheres, vivas e mortas)*. Tese de Doutorado em Antropologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo. Em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-17062019-142750/pt-br.php>. Acessado em 14 de setembro de 2020.

Pimenta, Denise. (2020). Pandemia é coisa de mulher: Breve ensaio sobre o enfrentamento de uma doença a partir das vozes e silenciamentos femininos dentro das casas, hospitais e na produção acadêmica. *Tessituras*, 8(S1):8-19, jan-jun.

Porto, R. M. Costa, Patrícia Rosalba Salvador Moura. (2017). O Corpo Marcado: a construção do discurso midiático sobre Zika Vírus e Microcefalia. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 3:159-191.

Projeto Justiceiras. (2020). *Justiceiras*. 1 ilustração. [S. l.], 30 de junho 2020. @justiceirasoficial no Instagram. Em <https://www.instagram.com/justiceirasoficial/>. Acessado em 03 de julho de 2020.

Projeto Por Todas Nós. (2020). #É por todas nós. 1 Ilustração. [S. l.], 09 de junho de 2020. @projeto_portodasnos. Em https://www.instagram.com/projeto_portodasnos/. Acessado em 03 de julho de 2020.

Ramos, Raphaela. (2020). *Coronavírus: iniciativa oferece atendimento online para vítimas de violência doméstica durante período de isolamento domiciliar*. O Globo, Celina, 17 abr. 2020. Em <https://oglobo.globo.com/celina/coronavirus-iniciativa-oferece-atendimento-online-para-vitimas-de-violencia-domestica-durante-periodo-de-isolamento-domiciliar-24375715>. Acessado em 19 de abril de 2020.

Rial, Carmen. (2004). Antropologia e mídia: breve panorama das teorias de comunicação. *Antropologia em Primeira Mão*, 9(74): 4-74.

Rio Grande do Sul. (Estado). Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul. (2020). Rompa o Silêncio. 1 Ilustração. Porto Alegre, 25 maio de 2020. @ssp_rs –Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul. Em https://www.instagram.com/ssp_rs/. Acessado em 2 de julho 2020.

Rocha, Reyes. (2020). Coronavirus y Violencias de Género: Cuando el Peligro está Dentro de Casa. Em https://www.diariodesevilla.es/juzgado_de_guardia/reportajes/Violencia-Genero-peligro-dentro-casa_0_1452155067.html. Acessado em 15 de abril de 2020.

Rodrigues, Alex (2020). Ligue 180 registra aumento de 36% em casos de violência contra mulher: Isolamento social e quarentena podem ser responsáveis por aumento. Em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-05/ligue-180-registra-aumento-de-36-em-casos-de-violencia-contra-mulher>. Acessado em 20 de junho de 2020.

Rossi, Túlio Cunha. (2017). Feminilidade e suas imagens em mídias digitais. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, 29(1): 235-255.

Scott, Joan. (1990). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, 71-99.

Scott, Russell Parry; Lira, Luciana Campelo De; Matos, Silvana Sobreira De; Souza, Fernanda Meira; Silva, Ana Claudia Rodrigues; Quadros, Marion Teodósio De. (2018). Itinerários terapêuticos, cuidados e atendimento na construção de ideias sobre maternidade e infância no contexto da Zika. *Interface* (Botucatu. Online), v. 22:673-684.

Selvaratinam, Tanya. (2020). Where Can Domestic Violence Victims Turn During Covid-19. Em <https://www.nytimes.com/2020/03/23/opinion/covid-domestic-violence.html>. Acessado em 03 de abril de 2020.

Sergipe. Secretaria de Segurança Pública de Sergipe. (2020). *Coronavírus informações importantes*. 1 Ilustração. Aracaju, 26 de março de 2020. @ssp_sergipe. Em https://www.instagram.com/ssp_sergipe/?hl=pt-br. Acessado em 2 de julho de 2020.

Souto, Luiza. (2020). Trabalhadoras Domésticas Denunciam Crime Sexual em Meio à pandemia. Em <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/05/08/trabalhadoras-domesticas-denunciam-propostas-indecentes-em-meio-a-pandemia.htm>. Acessado em 13 de maio de 2020

Souza, Marília de Oliveira; Sirelli, Paula Martins. (2018). Nem santa, nem pecadora: novas roupagens, velhas dicotomias na coisificação da mulher. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 132: 326-345, maio/ago.

Soylu, Ragip. (2020). Coronavirus: Fourteen Woman Murder Turkish Homes Since Lockdown. Em <https://www.middleeasteye.net/news/coronavirus-women-murder-turkey-increase-domestic?fbclid=IwAR01dEg11L8WT4INkD5U1O9t6TDyCoY7YoisvTWsHzgyp8LkerTG5SRQX4>. Acessado em 15 de abril de 2020.

States must combat domestic violence in the context of Covid-19 lockdowns: UN rights expert. (2020). Em <https://www.ohchr.org/EN/NewsEvents/Pages/DisplayNews.aspx?NewsID=25749&LangID=E>. Acessado em 03 de abril de 2020.

Sullivan, Michael. (2020). Don't Nag Your Husband During Lockdown, Malsya's, Government Advises Woman. Em <https://www.npr.org/2020/04/01/825051317/dont-nag-your-husband-during-lockdown-malaysias-government-advises-women?fbclid=IwAR1oZa37R7XdsxuSDly7-E-l1bWN0M4OyCZXUksYTD9NXbO0e1OLzBRZZTE>. Acessado em 15 de abril de 2020.

Torres, Joana. (2020). Violência de gênero em tempos de covid-19: um mal nunca vem só. Em <https://www.publico.pt/2020/04/16/p3/cronica/violencia-genero-tempos-covid19-mal-vem-so-1912224>. Acessado em 21 de junho de 2020.

Vanderklippe, Nathan. (2020). Domestic violence reports rise in China amid COVID-19 lockdown. Em <https://www.theglobeandmail.com/world/article-domestic-violence-reports-rise-in-china-amid-covid-19-lockdown/> Acessado em 20 de junho de 2020.

Verdélío, Andreia. (2020). Governo lança campanha e pede atenção aos casos de violência doméstica: Registros de violência contra a mulher em abril aumentaram 35%. Em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-05/governo-lanca-campanha-e-pede-atencao-aos-casos-de-violencia>. Acessado em 10 de julho de 2020.

Vier, Isadora. (2013). Da dor no corpo à dor na alma: uma leitura do conceito de violência psicológica da Lei Maria da Penha. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Vig, Davi. (2020). Hungria: Bloquear o tratado sobre violência doméstica de gênero coloca em risco as mulheres durante a crise do COVID-19. Em <https://www.amnesty.org/es/latest/news/2020/05/hungary-blocking-of-domestic-violence-treaty-further-exposes-women/>. Acessado em 22 de junho de 2020.

Weiß, Sandra. (2020). Cuarentena por coronavirus dispara violencia contra las mujeres en América Latina. Em <https://www.dw.com/es/cuarentena-por-coronavirus-dispara-violencia-contra-las-mujeres-en-am%C3%A9rica-latina/a-53261868>. Acessado em 21 de junho de 2020.